

28-10-2024

O MONOPÓLIO DA ESPERANÇA COMO PERPETUAÇÃO DA MISÉRIA

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

Esses dias conversava com um colega historiador sobre o quadro de expectativas políticas do momento. Das palpitações de seu desassossego intelectual veio a expressão “*monopólio da esperança*”. Dizia ele que essa miríade de *coaches*, mentores e pastores que inunda a vida cotidiana, capitalizando o desespero de milhões de pobres e desvalidos emocional e financeiramente tomou para si o monopólio da esperança. A esperança tem a ver com espera, com confiança. Não com espera e confiança passivas, inermes, mas inquietas, proativas, ansiosas feito um faminto que revolve os escombros da vida à procura de comida. Para os gregos antigos a esperança era filha da Noite (*Nyx*) e mãe da Fama (*Fême*). Vejam só que bela imagem: a noite cobre tudo de escuridão e nos impede de enxergar o horizonte à frente. No entanto, nós humanos tiramos dessa escuridão alguma razão para continuar a existência, algum fio de sentido ao qual nos prendemos para nos safar das garras assustadoras do medo e da angústia que a falta de horizonte, a ausência de forma e a impossibilidade de nomear o mundo caótico produzem. Esses frágeis fios, que nos mantêm vivos, são a esperança, a filha da noite. Nos agarramos a eles porque neles estão a nossa ânsia de viver.

É deles que virão o triunfo, o sucesso, aquilo que, conforme os gregos, é a Fama, ou seja, o reconhecimento, a filha da esperança. No Brasil de meados dos anos de 1980, no umbral da noite escura produzida pela ditadura, o monopólio da esperança estava com aqueles que lutaram contra o regime autoritário em vigor há vinte anos no País. A maior parte dessa gente era composta por progressistas, religiosos, intelectuais, artistas, sindicalistas, ativistas ambientais e dos direitos humanos, por pessoas simples e insatisfeitas que foram reprimidas, perseguidas ou presas em razão das ideias e dos sonhos. A Constituição de 1988 foi o limiar do momento em que aflorou a esperança, brotada nos estertores do regime sombrio. Os sonhos de liberdade, de democracia, de cidadania, de ética política, de organização comunitária, de lutas por direitos e identidade se espalharam pelo Brasil dissipando muito da sombra que persistia. No início dos anos 1990, Paulo Freire já apontava a necessidade de uma *Pedagogia da esperança*, como forma de não se perder no mundo. A força da esperança, se desordenada, poderia muito bem transformá-la em distorção nefasta: “*Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera*” (Freire, 1992). No horizonte utópico que se formou nos anos seguintes, movimentos feministas, de negros, de religiões diversas, das artes e do pensamento foram multiplicando fios de esperança até culminar na eleição de Lula para seu primeiro mandato.

Mas aquilo que Paulo Freire já criticava no início dos anos de 1990, “*a democratização da sem vergonhice*”, com o tempo, engoliu os governos lulistas e dissipou os ventos da esperança a ponto de a energia esperançosa que as ideias e práticas progressistas alimentaram no País virar uma força amarga, cheia de frustração e ressentimento, chaga aberta onde se alojaram as sementes do ódio e os miasmas daqueles que se valeram da escuridão do regime militar para encampar seus projetos lúgubres. Na falta de luz para enxergar, no desespero da pobreza mental e material, começaram a pulular falsos profetas e vendedores de esperança. A enganosa luz da prosperidade a ser alcançada como um passe de mágica, vendida com uma força retórica jamais vista, fez milhões de brasileiros engrossarem os rebanhos de *coaches*, de maus pastores e de todo tipo de vigarista que vive de oferecer o que jamais vai entregar: uma vida próspera e feliz para os seus seguidores. Contudo, se não entregam o que prometem, por que esses condutores de massas cada vez mais inflam as redes sociais, os meios de comunicação, a política e os meios educacionais, apinhados de seguidores? Por que eles vendem a esperança. Eles detêm o monopólio da esperança, aquilo que os progressistas não sabem mais como usar. Qualquer ser humilhado, preterido, desprovido de capital cultural e econômico, como diz Jessé de Souza: mais do que riqueza, quer acolhimento e reconhecimento. É exatamente isso que igrejas neopentecostais e *coaches* fazem. Quando um *coach* diz “ *você pode, você consegue porque você é superinteligente, apenas não destravou o seu cérebro*” ou um pastor afirma “*Você é um escolhido de Deus, ele vai te proteger de todo o mal, vai operar milagres em sua vida aqui nessa igreja. Você é superior a qualquer um que não está nesse caminho*” etc, oferecem aos desvalidos e humilhados aquilo que o próprio sistema tira deles diariamente: a condição de eu, de gente, de alguém que tem algum valor. Por fim, *coaches* e pastores dão à vida desesperançada dessas pessoas fios de esperança para se segurarem. É por esse caminho que as causas da pobreza, da desumanização e da humilhação são encobertas, mantendo os desvalidos presos à ideia de que a culpa de sua desgraça é pessoal, que basta orar, aceitar e se corrigir que a coisa anda, basta pensar positivo e se submeter às orientações do *coach* que as coisas melhoram. Como, nesse viés, definitivamente as coisas não mudam, a escassa ração de reconhecimento e acolhimento oferecida diariamente é recebida como um alívio que mantém os seguidores na ilusão de que a vida está de fato melhor. Assim, a esperança inquieta e proativa que deveria salvá-los da escuridão perpétua da condição de desvalidos, de massa de miseráveis apegados às exigências e valores dos opressores, se cala e os mantém cegamente como fiadores de sua própria desgraça. Nesse caso, parece que a real esperança ficou presa na ânfora de Pandora enquanto essa gente enganadora, montada nos males que de lá escaparam, tange o rebanho para onde quer. Por isso, é preciso devolver a esperança ao seu verdadeiro propósito, dissipar a escuridão da vida e calçar os caminhos para uma vida digna, satisfeita e interessante. Há braços! ■■■

Referências: - Freire, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.; - Souza, Jessé de. *O pobre de direita: a vingança dos bastardos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2024.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.